

Apresentação
TENDÊNCIAS LITERÁRIAS FINISSEculares

Na literatura ocidental, as últimas décadas do século XIX ficaram assinaladas por uma profusão de tendências renovadoras no âmbito do romance, do teatro e da poesia. Da França de Flaubert e Baudelaire, originou-se uma torrente de ideias novas, que, uma vez assimiladas e transformadas, frutificaram em obras inovadoras em países como Brasil e Portugal.

Neste volume da *Miscelânea*, reúnem-se artigos que contemplam tanto o naturalismo, responsável pela principal renovação do romance finissecular, quanto o decadentismo-simbolismo em suas manifestações e ressonâncias nas literaturas francesa, portuguesa e brasileira.

No primeiro artigo, Alvaro Cardoso Gomes, Manoel Francisco Guarânia e Eliane de Alcântara Teixeira analisam alguns dos mais conhecidos poemas de Verlaine, Mallarmé e Rimbaud de modo a perscrutar como se apresenta em suas obras o símbolo poético, cuja força material, via sonoridade e visualidade, e potência evocatória são fundamentais para o simbolismo em suas dimensões de experimentalismo formal e ânsia pelo transcendente.

A estética da desintegração do *eu* na poesia moderna de Rimbaud, Sá-Carneiro e Pedro Kilkerry é tema de artigo de Ana Carolina Lopes Costa, que, se baseando em Poe e Baudelaire, aponta o *flâneur* como avatar do poeta, fascinado pela mobilidade e complexidade da vida urbana e, ao mesmo tempo, fragilizado pela precariedade dos valores.

Os dois artigos seguintes são dedicados ao “poeta maldito” Villiers de l’Isle-Adam. No primeiro, Kedrini Domingos dos Santos trata especificamente do romance *L’Ève future* (1886), narrativa em que o artifício sobrepuja a natureza. Hadaly, mulher-androide, representa o novo ideal de beleza de um mundo transformado pelas aplicações técnicas da ciência. O experimentalismo formal e estilístico faz do romance uma obra alinhada com o decadentismo. Samara Beatriz de Oliveira Paradello e Norma Domingos, no segundo texto, propõem uma leitura do mesmo romance em suas relações intertextuais com o livro bíblico do *Gênesis*.

Ao abordar o tratamento que Marcel Proust concedeu a Robert de Montesquieu, transformando-o de encarnação do espírito decadentista, — a

tal ponto que servira de modelo para a personagem des Esseintes de J.-K. Huysmans, — em poeta clássico, Marion Schmid apresenta um colorido panorama do decadentismo, contemplando autores, obras e concepções estéticas.

No universo da literatura de língua portuguesa, Giuliano Lellis Ito Santos dedica-se à obra de Cesário Verde, considerado o introdutor de uma poética moderna em português a partir da lição de Baudelaire. O artigo se propõe a analisar de modo cerrado o poema “Merina”, de 1878, republicado n’*O Livro de Cesário Verde* com o título de “Noites gélidas”. A partir da análise do cuidado formal da composição poética, amplia-se a leitura imagética do poema para se discutirem os aspectos modernos da ambientação urbana e da relação entre sujeito e cidade na obra de Cesário Verde.

Ao analisar aqueles que são considerados os primeiros livros da corrente simbolista nos dois campos literários de língua portuguesa, *Oaristos* e *Broquéis*, Renata Ribeiro e Ida Alves discutem a chegada desse movimento aos dois sistemas a partir de uma visão de trocas culturais em uma república mundial das letras, em vez da antiga relação evolucionária das literaturas nacionais. A leitura aproxima Eugênio de Castro e Cruz e Sousa ao mesmo tempo em que destaca aquilo que os diferencia, demonstrando desse modo a versatilidade desse movimento em suas manifestações dos dois lados do Atlântico. Contribui-se, assim, inclusive, para uma melhor compreensão dos desdobramentos dessa estética nas que se seguiram.

Cruz e Sousa recebe também a atenção de Simone Rossinetti Rufinoni, que analisa o poema em prosa “Capro”, de Cruz e Sousa, publicado em *Evocações* (1898). Rufinoni demonstra como os modelos culturais europeus sofrem o impacto de contexto histórico nacional na obra de Cruz e Sousa. O tema da arte e da condição do artista em um mundo desencantado adquire configurações muito peculiares em vários textos do poeta catarinense como o citado “Capro”. A condição do negro em sociedade havia pouco liberta do escravismo entra em contradição com o sofisticado esteticismo e a inclinação sublimizante da poesia simbolista.

Dario Veloso, poeta que se radicou em Curitiba, é estudado por Isabela Melim Borges, que vê na obra do simbolista traços de esoterismo resultante da assimilação do misticismo da fase final da filosofia de Auguste Comte e de outras tendências esotéricas do final do século XIX e início do século XX.

Carlos Augusto de Melo, por sua vez, propõe em seu artigo uma releitura da obra de Francisca Júlia da Silva com o objetivo de desvencilhá-la de equívocos e incompreensões da crítica e da história literárias e, assim, evidenciar a alta qualidade de sua poesia em consonância com as especificidades da estética parnasiana.

Jaqueline Borges também avalia a obra de Francisca Júlia da Silva,

mas procura propiciar uma visão mais matizada da autora, cuja perícia versificatória e ortodoxa impassibilidade parnasiana fizeram-na ser festejada por vários de seus contemporâneos. No entanto, elementos simbolistas vão-se intensificando ao longo da carreira da poeta, tornando sua obra complexa e inovadora, como se procura evidenciar.

São já conhecidas as dívidas do modernismo português com o decadentismo. Em seu artigo, Carlos Conte Neto recupera essa ligação e demonstra, a partir da análise da novela *Princípio*, as referências decadentistas explícitas nessa obra de um dos grandes nomes do modernismo de *Orpheu*, Mário de Sá-Carneiro. São levantadas as marcas temáticas e estruturais normalmente associadas ao decadentismo presentes no texto do escritor português, associando-o ao “espírito do tempo”. Reforça-se, portanto, a importância da estética decadentista para os escritores modernistas.

Ao analisar a obra do modernista Almada Negreiros, Dionísio Vila-Maior preocupa-se em mostrar como a geração de *Orpheu* lidou literariamente com uma crise de valores vinda do final do século XIX. O artigo apresenta algumas propostas do grupo de escritores ao redor dessa revista, com ênfase em Negreiros, em sua tentativa de equacionar o individualismo com a coletividade, como resposta própria à crise do sujeito e à sua fragmentação tão cara a seus contemporâneos, como facilmente visível na obra de Fernando Pessoa. Destaca-se a importância da relação entre o sujeito e a coletividade para que se pense a existência de um e de outro.

O romance finissecular brasileiro é aqui contemplado por Luiz Carlos Santos Simon, que se propõe revisitar *Hóspede* (1887), de Pardal Mallet, em busca de elementos decadentistas e simbolistas. O propósito maior é o de contribuir para a revisão e o estímulo à leitura de textos e autores hoje ameaçados de esquecimento.

O naturalismo, tendência hegemônica na prosa de ficção do final do século XIX, despertou, como demonstra Alan Victor Flor da Silva, vivo interesse entre homens de letras do Pará. Percorrendo periódicos de Belém, o autor constata a riqueza e o interesse dos debates travados em torno das ideias e romances naturalistas, colocando principalmente em questão a *moralidade* das narrativas a partir de perspectivas ainda tributárias do romantismo ou já aderentes ao naturalismo.

Como revela o artigo de Natanael Duarte de Azevedo e Bianca do Carmo Pereira Brito, a *franqueza* naturalista no tratamento da sexualidade abriu caminho para produções culturais abertamente licenciosas ou até mesmo pornográficas como o jornal *O Rio Nu*. Os autores analisam especificamente o romance *A vingança de um sapateiro*, de Bock, pseudônimo de José Ângelo Vieira de Brito, publicado de forma seriada no ano de 1899. Ilustrações e tratamento editorial reforçam o aspecto pornográfico da narrativa, mas não impedem que nela se aborde, à melhor

maneira naturalista, a questão social do adultério feminino.

Após esse rico panorama da literatura finissecular dos dois lados do Atlântico, encerra-se este volume da *Miscelânea* com três importantes entrevistas.

Na primeira, Roberto Acízelo de Souza dá um depoimento sobre o ensino de Letras no Brasil, tratando de mazelas como a deficiência de formação dos discentes e a malha do produtivismo em que se debatem os docentes.

Já Antonio Dimas, na segunda entrevista, pronuncia-se sobre os rumos atuais da pós-graduação no Brasil, particularmente na área de Letras, abordando problemas como a avaliação dos cursos de Mestrado e Doutorado pela CAPES e o financiamento à pesquisa.

Por fim, Marina Colasanti discorre sobre sua carreira, suas obras e suas convicções a respeito da literatura.

A produção deste volume da *Miscelânea* deu-se em condições extraordinárias. Editores e colaboradores viram-se obrigados a deixar os tradicionais espaços acadêmicos e ficar mais de um ano em confinamento impositivo em virtude da pandemia de Covid-19. Tratava-se de medida preventiva recomendada pelas autoridades sanitárias responsáveis do país. Fechados em nossas salas de trabalho, testemunhávamos cotidianamente, pelos meios de comunicação, lamentáveis omissões e ações irresponsáveis de autoridades de todos os níveis de governo que abertamente contrariavam as mais elementares recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), a começar do mero uso de máscaras.

Embora tenhamos conseguido chegar até aqui, acumulamos ao longo do período perdas pessoais e coletivas irreparáveis como o desaparecimento de Alfredo Bosi, que se pode colocar, sem favor, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, entre outros, como um dos grandes intérpretes do Brasil.

Dedicar parte de nosso tempo a esta revista foi uma das maneiras de contribuir, muito modestamente embora, para a imperativa defesa da Cultura e das Ciências Humanas no Brasil, onde a maré montante do obscurantismo e do extremismo político ameaça sobrepor-se a tudo.

Porém, com nossa renitente esperança em dias melhores, seguimos trabalhando e podemos agora oferecer à apreciação do público mais uma *Miscelânea*.

Assis/Rio de Janeiro, 30 de abril de 2021

Eduardo da Cruz
Alvaro Simões Jr.